

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno	14300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas, director, proprietario e administrador de *A Restauração*.

Redacção e Administração

R. de Payo Galvão—Guimarães

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Composição e Impressão

Typographia Minerva Vimaranesense

Herodianos

«Tendo nascido Jesus em Belém de Judá nos dias do rei Herodes, vieram do oriente uns magos a Jerusalém, dizendo: «Onde está o rei dos Judeus, que é nascido? Pois nós vimos no oriente a sua estrella, e viemos adorá-lo.» O que ouvindo o rei Herodes, se turbou, e toda Jerusalém com elle.»

Eiz aqui a scena de todos os tempos: apparece a verdade, proclama-se a virtude, requere-se a ordem; logo surge o desastre e a opposição dos herodianos de cada época.

Aí o estamos nós vendo todos os dias. Sirva de exemplo o que se passa a respeito do nacionalismo.

Um punhado de homens, cheios de desinteresse e de zelo pelo bem commum, vendo que a pátria resvalava precipitadamente para a ruína, impellida por uma politica contrária ás aspirações nacionaes, puseram peito em congregar as energias patrióticas, que, por dispersas, andavam perdidas e inefficazes.

De sua natureza, o nacionalismo foi sempre um protesto da moralidade contra a immoralidade, da rectidão dos princípios contra mentirosas convenções, do bem público contra interesseiras clientelas. *Inde irae*: levantou-se logo um rebuliço ensurdecido nos arraiaes ameaçados; a agitação do insaciavel faminto que prevê ceceado o guloso repasto.

Não tem havido pedra, que se não mova para arredar o temeroso adversário: o descrédito das pessoas, das intenções, dos princípios; a intriga malévol e descarada; a traição infame e desvergonhada; o insulto grosseiro e vilíssimo; o desprezo ridiculo e contradictório.

E uma coisa muito digna de nota é que, sendo o nacionalismo uno em seus princípios e aspirações, inquina quasi por igual todas as facções politicas que o viram nascer: nenhuma o vê á boa paz, nenhuma pode tolerar a sua presença, nenhuma encara a frio os seus progressos. Que mal lhes fez o nacionalismo? Por que é que o aborrecem, que o perseguem, que o temem por insupportavel pesadelo? Que é das razões com que o combatem?

«*Pellimur*»: é a grande razão de Herodes. Está em perigo a desordem, o monopólio do poder, o arbitrio dos dinheiros públicos, os hábitos vergonhosos da politica, o triúmpho da immoralidade omnimoda. E é preciso conjurar semelhante perigo a todo o custo.

Mas os adversários do nacionalismo sam conhecidos: sabem-se os seus precedentes, e é notória a sua orientação presente. Os seus processos administrativos, a sua isenção politica, o fervor do seu patriotismo, a sua orthodoxia religiosa, tudo é do domínio commum.

Assim, mal pensam esses herodianos da politica que a guerra atroz e desleal, que fazem ao nacionalismo, é, para todos os ânimos reflectidos, a mais valiosa apologia do esperanças partido, a mais cabal demonstração da sua necessidade. Se lhes desagrada, é porque lhes é contrario, e, portanto, bom.

E o facto é que, quanto mais violenta é a guerra que fazem ao nacionalismo, mais elle se expande, se ostenta pujante, se radica fundamentalmente nos ânimos que ainda têm esperanças de redempção nacional.

O que aí se não tem dito e escrip-

to a propósito do accôrdo eleitoral do partido nacionalista com o governo! Quantas falsidades, quantas aleivosias, quantas suspeições odientas!

Mas que aproveita tanto furor? *Quid proficit tantum nefas?*

Leiam-se as publicações nacionalistas das últimas semanas. Por toda a parte se multiplicam os centros, se robustecem os já existentes, se registam valiosas adhesões, se celebram assembleias importantísimas pelo número e qualidade dos que as constituem.

E estes exemplos, tam maravilhosamente repetidos em curto prazo, alentam esperanças, sacodem torpores, inspiram decisão, persuadem, arrastam à vida prática e ostensiva a massa dos tímidos e irresolutos.

O nacionalismo já é mais do que uma esperança, em que pese aos herodianos de todos os feitios.

Sciência prática

Contra a calvície

Hoje em dia abundam por toda a parte os calvos. Não faltará portanto quem estime conhecer um remédio contra a calvície. Aqui damos hoje noticia dum tratamento, effizaz segundo parece, preconizado por um médico hollandês. Este médico tem applicado com bom êxito o ácido láctico em solução de 50 por 100.

Os drs. Balgen e Stocanovich têm, por seu lado, obtido excellentes resultados, empregando uma solução apenas ao tércio. Depois de ter desengordurado a pelle com uma mistura de álcool e ether, esfregam-na com uma bolinha de algodão hydrophilo impregnada de ácido láctico, que produz uma dor leve e passageira.

Quando a pelle está irritada, suspende-se o tratamento, e emboça-se a superficie com vaselina boricada. É conveniente fazer uma lavagem quotidiana com uma solução de sublimado de 1 por 2000. Por nossa parte, não temos outros fundamentos para abonar o remédio, que a auctoridade dos conspícuos experimentadores: mas não custa nada tentar fortuna por tam facil caminho.

Conservação das carnes

Ha vários processos para a conservação das carnes: mas talvez não haja nenhum que seja ao mesmo tempo tam effizaz e tam pouco embaraçoso como o processo de Revel e Mathieu. Ei-lo aqui. Prepara-se uma solução com os seguintes elementos:

Iodo metálico	5 grammas
Iodeto de potássio	15 "
Agua destillada	1000 "

Dissolve-se o iodo e o iodeto num almofariz em pequena quantidade de agua, e depois completa-se o litro.

Preparada assim a solução, mergulham-se nella as carnes durante alguns minutos, e depois põem-se a secçar a uma boa corrente de ar.

Assim, as carnes ficam no estado de frescas durante quatro ou cinco dias; depois seccam-se e põem-se em fragmentos, cuja conservação é indefinida. O pó de carne assim obtido, que não tem mais do que a quarta parte do peso da carne fres-

ca, pode servir para todos os usos: caldos, biscoutos substanciosos, etc.

O iodo fica nelle em tam pequena quantidade, que nenhuma influencia perniciosa tem na saúde.

F.

Anecdota histórica

XCII

Horror à mentira.—Nunca é licito mentir. Por isso, as almas bem formadas preferem à mentira todas as contradicções, ainda a própria morte. S. Firmo, bispo de Tagasta na Africa, occultava em sua casa—por caridade—diz Santo Agostinho—um homem que era procurado para a morte. Os officiaes do imperador apresentaram-se em casa do santo e perguntaram-lhe onde estava aquelle homem. «Não posso responder-vos:» diz o santo «porque não posso mentir, nem descobrir-vos aquelle que vós buscais.» Elles apertaram-no e puseram-no em tortura, para o obrigar a fallar, chegando até a ameaçá-lo com a morte. «Sei soffrer e morrer;» responde elle «mas não sei fallar, quando é preciso dizer alguma coisa contra a verdade ou contra o próximo.» Conduzido perante o imperador, S. Firmo manteve a mesma linguagem. O príncipe, admirado da sua virtude, despediu-o sem o molestar mais, e perdoou ao desgraçado que elle occultava em sua casa.

XCIII

Restricção mental.—Se nunca é licito atraiçoar a verdade pela mentira, pôde contudo permittir-se o engano de interrogadores indiscretos ou injustos, calando a verdade que elles indevidamente querem saber. E' o que se chama restricção mental. Quem mente, engana o próximo; quem usa de restricção mental, permittir-se o próximo a si mesmo se engane. Santo Athanasio, patriarcha de Alexandria no seculo IV, foi objecto de continuadas perseguições, suscitadas pelos herejes arrianos, dos quaes era o terror. Uma vez, obrigado a fugir, metteu-se numa embarcação, e ia subindo pelo rio Nilo para a Thebaida. Os seus inimigos perseguiam-no, e em breve o alcançariam, quando o santo patriarcha ordenou ao piloto que voltasse para trás, em direcção a Alexandria. O seu navio passou ao lado do dos Arianos, os quaes perguntaram em altas vozes: «Vistes o bispo Athanasio?» Os amigos do santo responderam: «Elle não está longe: o seu navio passou aqui ainda não ha muito.» Estas palavras, que diziam claramente a verdade, mas não a verdade que os perseguidores desejavam e à qual não tinham direito, permittiram que a imprudência delles formasse um juízo errado. Acceleraram pois o andamento do navio, na esperança de attingir Athanasio subindo o rio; mas de facto cada vez mais se afastavam do santo bispo, que, dirigindo-se em sentido contrario, entrava em Alexandria.

L. F.

Revista científica

A idade da Terra e a opinião dos sabios

Entre os geologos e os physicos, ha grande desacôrdo acerca da idade que a Terra pode ter. Estão representados estes ultimos, no assumpto, por Sir Wiliam Thompson, que o estudou partindo de quatro pontos de vista differentes: o proprio calor do globo e as suas leis de resfriamento; a acção retardataria das marés; a origem do calor solar e a idade do sol.

Desses estudos deduz Thompson que o planeta que habitamos tem quatrocentos milhões de annos.

Vejamos agora a opinião dos geologos: Têm estes dois meios de medir a duração dos tempos geologicos. E' um delles a formação das camadas terrestres, e o outro o tempo que as rochas levam para se desmoronarem.

Os geologos norte-americanos tomaram como base das suas medições as alluviões periodicas do Mississippi, descobrindo que toda a concha do grande rio desceu, pela paulatina impulsão das ditas alluviões, perto de 400 metros em seis milhões de annos, e que seriam precisos mais quatro milhões e meio de annos para que o continente americano chegasse ao nivel do Oceano.

Referindo-se o dr. Hutchinson a essas alluviões, acaba de emittir uma nova hypothese. Os sedimentos arastados ao Oceano pelo Mississippi depositam-se sobre uma área que pode calcular-se igual á do leito do rio, sendo a espessura approximada dos extractos de trinta centimetros e meio por cada periodo de seis mil annos. Pois bem: se a espessura total dos extractos terrestres está avaliada em 3 mil metros, o tempo necessario para essa formação deve ter sido de dezesseis milhões de annos.

E. das F.

Notas artisticas

A dôr na arte

Diz um notavel critico inglês da arte que os quadros representando scenas tristes sam mais numerosos que os que reproduzem physionomias e scenas alegres.

O facto é natural. Na vida sam mais as dôres que as alegrias e como consequencia logica o pintor encontra nas primeiras mais assumptos que nas segundas. Alem disso a dôr é muito mais facil de pintar que o riso e não devemos esquecer que o artista trabalha com modelos que tem de fingir tal ou qual expressão, e é muito mais facil fingir a dôr que simular a alegria.

Os pintores antigos recorriam a um processo muito simplez quando queriam representar uma physionomia triste. Para isso bastava-lhes pôr na face da figura algumas lagrimas, não mais difficeis de pintar que uma gota de rório sobre a petala duma flôr, ou uma gota de agua sobre um fructo, effeitos ambos que com frequencia introduzem nos seus quadros os pintores de flores. Hoje não se recorre a este processo, que muitas vezes resultava mais alegre que triste nos seus effeitos.

Os artistas costumam fugir hoje das caras choronas, nas quaes sempre se corre o perigo de que a expressão degenerere em artificios. Isto só é perdoavel quando se considera a dôr sob o aspecto comico, como no bello quadro de Vautier, que muita gente deve conhecer.

Entre as lagrimas sobre caras impassiveis e a expressão da dôr muda a que parecem inclinados os artistas modernos, ha um termo medio que consiste em representar a figura chorando, porém, sem pintar as lagrimas, mas sim dissimulando-as por detrás dum lenço junto aos olhos, ou duma das mãos da figura que cobre as faces.

Em alguns quadros de pintores flamengos modernos encontram-se exemplos deste meio de expressão, e a elles se têm referido alguns criticos portuguezes, e ainda ultimamente o mallogrado Serrano.

No entanto este processo ainda não exprime a dôr tam perfeitamente como na arte moderna. Embora no quadro de Greuse, que representa uma menina chorando junto do canario morto, se vê perfeitamente expressa a tristeza, impressiona sem duvida muito mais o rosto de Fernando o *catholico* de Espanha no quadro de Rosales que representa a rainha Isabel fazendo testamento, quadro este reproduzido centenas de vezes nas nossas revistas de arte.

Verdade é que no primeiro quadro trata-se duma dôr infantil, da primeira tristeza duma criança que perde a avésinha amada, e sente pela primeira vez que a morte passou junto della, enquanto que no segundo quadro a dôr representada é a dum homem forte e intelligente, acostumado a todo o genero de soffrimentos physicos e moraes.

A dôr mais difficil de pintar é a da alma, a dôr puramente moral. Os soffrimentos corporaes, os que resultam de enfermidades ou mortificações puramente physicas sam relativamente facéis, porque se traduzem graphicamente por contração do rosto ou do corpo. Estas dores sam, por isso mesmo, as que com mais frequencia se representam, porém não sam precisamente aquellas que nos referimos. Tampouco se deve confundir a expressão de dôr e tristeza propriamente ditas com a do arrependimento, resignação e outras semelhantes. O rosto duma Magdalena ou do Christo na cruz não podem servir como exemplos da dôr propriamente ditas. Se o artista encontra relativa facilidade na representação da dôr humana não succede o mesmo quando se trata de pintar a tristeza dum animal.

Sob este ponto de vista Rivieri resolveu um verdadeiro problema no seu quadro *Sentimento*. Como na maior parte dos quadros deste auctor, o assumpto não se explica claramente e fica á imaginação do espectador. As pétalas da rosa desfolhada fazem pensar que se trata duma historia de amor, porém parece que a ideia do artista foi principalmente dar a entender que o cão tinha perdido seu amo. Compreende-se que a um animal não se pôde obrigar a pôr a cara triste, nem Rivieri o fez com o cão que lhe serviu de modelo. Mas evidentemente o que é innegavel é que essa figura é o resultado da observação cuidadosa da expressão de varios cães em analogas circumstancias, observação que o artista reteve na sua memoria até dar-lhe fórma no alludido quadro.

CANDIDO GOMES.

Curiosidades

Esquecimento.—Parece inverosímil que um machinista se esqueça do seu comboio; todavia é um facto que succedeu no verão em França. Durante a paragem do comboio que parte de Paris para parar em Lorient, desatrela-se o vagão-correio, que se leva a uma linha de desvio, afim de esperar o comboio que o deve levar a Rennes. Ha tempos desatrelavam este vagão, quando se ouviu um apito. Sem cuidar em mais nada, o machinista julgou que era o signal da partida. Abriu o tubo do vapor e a machina partiu levando consigo duas carruagens de 1.ª classe. O resto do comboio ficava atrás, desatrelado como o vagão-correio. Imagine-se a perturbação causada com esta partida: apitos do chefe da estação, bandeiras agitadas, braços que se levantam, viajantes que correm, etc. Tudo em balde. Daí a meia hora chegava a locomotiva a Quimperlé, onde o chefe da estação, avisado por telegrama, se apresentou deante da locomotiva e perguntou ao machinista: — que fez você do seu comboio? — O meu comboio está aí! — Olhe, tornou o chefe da estação, elle devia de ficar semeado pelo caminho. E o machinista descendo ficou espantado, quando viu que effectivamente a Quimperlé somente tinham chegado duas carruagens de 1.ª classe. Grande distracção.

Cartas de jogar.—Têm grande estima na Austria as cartas de jogar e o seu fabrico é uma das industrias mais florescentes deste país. Em 1906 foram sellados 1.578.225 baralhos. Os grandes cafés vieneses consomem pelo menos de 500 a 600 por anno. A preferéncia pertence ás cartas allemãs. E' maior a exportação do que o consumo interior das cartas austriacas. No anno passado exportaram-se 2.420.475 baralhos, que foram enviados principalmente para a Turquia, Africa, Indias e outras regiões asiaticas. O mais feliz jogador da Austria é certamente o estado austriaco que com as taxas impostas sobre as cartas tira lucros cada vez mais consideraveis. Este imposto no anno de 1906 produziu a bonita somma de 660.000 corôas.

El-rei Darco.—Conhecem este rei? Este régulo domina sobre uns sessenta habitantes numa ilha, a ilha Galita, sita na costa norte da Tunisia e que faz parte dum archipelago que comprehende o Galiton, a Fondelle e a ilha dos Cães. Alojados em cavidades das rochas ou em antigas urnas funerarias, os subditos de Sua Magestade Darco vivem do producto das suas pescas e dalguma cultura. O ceu deste reisetete seria sem nuvens, se um contrabandista de nome Mazella, que é o mais rico cidadão da ilha, não andasse com ideias de lhe disputar a corôa. Diz um visitador da ilha que ella só possui um burro, unico da sua especie, e alguns cães. Nas costas incultas de Galita põem as gaiotas os seus ovos de que se alimentam os seus habitantes.

Lago.—Um lago que desaparece. Em Eggishorn havia um lago chamado Maerjelen, situado a 2367 metros de altitude, ao pé duma grande geleira, a geleira de Aletsch. Pois esse lago desapareceu numa noite. Crê-se que isso foi devido a uma fenda que se formou no seu fundo, em consequencia de tempestades que tinha havido nos dias antecedentes, e por onde as aguas se escoaram. A repercussão deste phenomeno fez-se sentir na região situada abaixo da bacia do lago. Um curso de agua augmentou subitamente e causou destroços; e no proprio valle de Rhodano, a uma grande distancia do Aletsch, os prados ficaram inundados.

Litteratura

A morte de Joãozinho

(CONTO DO NATAL)

A um canto da choupana de paredes escuras e a suar umidade, jaz um pequenino berço, feito duma canastra velha, toda disforme e aleijada: impedem-no de cair tres tijolos tirados do ladrilho desconjuntado. Por um buraco da trapeira quebrada, mal fechada com um pedaço de gazeta, o nordeste de dezembro invade sibilando o reducto da miséria, mettendo dentro a neve em folhecas lejeiras, que dançam alegres na pallida claridade do dia que vai caindo, como se não fossem mensageiras da morte.

A morte, essa não tardará em vir; porque no berço lamentavel agoniza uma creancinha. A pobre creatura é tam magra e tam franzina, as suas pequeninas faces sam tam cavadas e lívidas do frio, que só de a ver o coração trasbordava de lágrimas: o seu hálito moribundo é mais debil do que a respiração dum passarinho; vai-se amortecendo... amortecendo... e, a cada instante, parece prestes a cessar de vez. A espaços o pobrezinho geme, mas com uma voz apagada, e tam brandamente, que antes se julgaria ouvir o suspiro dum arbustozinho. A espaços atravessa-o uma tremura, que lhe sacode penosamente o corpinho delicado e fragil. Comtudo o pae lançou sobre o filhinho doente toda a roupa que lhe restava, esperando aquêcê-lo ainda e restituir-lhe a vida: para si apenas reservou uma camisa e umas calças de panno grosseiro; tirita gelado pelo nordeste, de joelhos junto do berço.

Oh que dor profunda está impressa no semblante desse pae, de feições torcidas pelo soffrimento, emmagrecidas pela fome! Com que olhar afflicto, e afflictivo tambem, de desespero elle contempla o seu filhinho, que se lhe vai embora! Em suas sobranceiras franzidas, em seu labios crispados, em seus punhos cerrados convulsivamente, que accessos de raiva contida, dessa raiva que aperta horrivelmente o homem vigoroso e cheio de vida, ao sentir-se impotente perante a agonia daquelles que ama!...

O infeliz pensa que ha apenas um anno que elle, Pedro Bertrand, honrado e robusto operário, conduziu junto do altar Genoveva, a quem elle desde tanto amava!

Agora, já lá vão dois meses que Genoveva morreu, ao dar a vida ao pequeno João: vida, que parecia extinta antes de começada! Desde então Pedro deixou a officina e tornou-se a mãe de seu filho, devorando as economias que ajuntara, real a real, para servirem de dote a Genoveva; e, por um verdadeiro prodigio, preservara até agora o seu Joãozinho.

Mas—ai!—veiu o géllo: as economias consumiram-se, e a doença devorou o corpo da creança. Pedro, então, calcando a sua justa ufania de bom trabalhador, que quer ganhar o pão com o suor do rosto, foi estender a mão à caridade, à esquina duma rua. Alguns responderam-lhe duramente: «Você não tem vergonha de mendigar?!... Nessa idade e com um arcabouço desses?!...» Outros deram-lhe alguns dez reis. Mas, ao voltar a casa, Pedro encontrou seu filho semi-morto. A dor aguda e a cólera louca confundem-se em seu coração, e, dominando-o, invadem, num accesso de sangue, o seu cérebro enfraquecido. E, numa blasphémia horrivel, Pedro, levantando o punho para o ceu, ousa amaldiçoar a Deus, que não quer curar seu filho!

Sam 24 de dezembro, à hora em que a noite começa a cair: a neve enche o ceu pardo e cobre a terra branca. Faz frio.

Pedro, acompanhado de dois ou tres camaradas, que se vêem obrigados a sustentá-lo como a um infeliz sem forças e a guiá-lo como a uma creança, sai do cemitério: caminha com o espírito vazio e a cabeça perdida.

Num canto remoto, lá ao fundo, do vasto campo dos mortos, sepultouse o pobre e leve atáide de creança sob alguns pés de terra. E Pedro Bertrand, desatinado em sua cólera ímpia e louca contra Deus, não quis que no túmulo se pusesse uma cruz. O infeliz, na manhã daquelle mesmo dia, repeliu o sacerdote, que ainda havia pouco tinha confessado Genoveva e vinha para o consolar, emquanto elle, com o espírito desvairado, embalava nos joelhos o cadaver de seu filho, procurando aquêcê-lo junto do peito e negando-o ao esquife aberto deante de si. Pedro Bertrand repeliu o sacerdote a golpes de blasphémias.

Agora os seus amigos arrastam-no à pressa: entram numa lóbrega taberna e pedem uma malga de vinho quente, porque faz frio. Pedro a princípio recusa: não quer tomar nada; quer morrer; não quer achar outra vez o seu vigor na reconfortante bebida, quando o seu Joãozinho —diz elle entre dois soluços—está tam frio e tiritando sob a terra gelada, dentro de quatro tábuas de pinheiro! Depois, sem energia, termina por ceder: bebe. Mas, emquanto em seus companheiros o vinho produz um calor suave; emquanto activa a circulação do sangue em suas veias entorpecidas pelo frio, a vigorosa bebida excita e perturba bem depressa o cérebro demasiado enfraquecido e o estômago demasiado vazio do pobre Pedro.

O infeliz já não sabe onde está nem o que faz: continua a beber avidamente; uma chamma brilha em suas faces e accende em seu olhar um luzente clarão de febre; estranhos pensamentos lhe cachôam na cabeça e figuras exquisitas lhe dançam deante dos olhos. Parece-lhe que um péso esmagador lhe curva a fronte para a terra: afinal adormece do somno pesado e mau da embriaguez.

Chegara desde muito a noite, quando Pedro Bertrand despertou emfim. Vê-se só na taberna: os seus companheiros partiram, julgando melhor deixá-lo dormir, depois de terem pagado a despesa. O coitado levanta-se a custo e vai-se retirando com passo mal seguro; o seu andar, sobre a neve, é cambaleante; para não cair, precisa de se apegar à parede.

Durante algum tempo, a princípio, nada distingue na noite do seu pensamento: mas, a pouco e pouco, a memória despertada vai allumiando as suas recordações e apresenta-lhas vivas deante dos olhos. Não tarda que o pobre homem se lembre da sua choupana gelada, do misero berçinho, do filho morto, do cemitério. Então Pedro Bertrand, sob o influxo da dor que no mesmo instante nelle reentra inteira, abatido sobre um marco com a cabeça entre as mãos, põe-se a soluçar.

Mas passaram deante delle duas mulheres, fallando baixo e andando depressa; uma palavra o impressionou: «... a Missa da meia noite...». O desgraçado ergue-se e segue-as, sem saber por quê; talvez simplesmente para não ficar cá fóra, de baixo da neve, e para se aproveitar da dentura da igreja.

A um canto, perto da porta, está fabricado um presépio, encantador com seus rochedos de papel pardo e uma neve de farinha, e sobre tudo com um Menino Jesus de cara e olhos de esmalte, todo rosadinho sobre a palha dourada e tamanho como um menino verdadeiro, segundo dizem as creanças que o admiram. Pedro Bertrand aproxima-se, e, de súbito, o coração dá-lhe uma pancada: o Menino Jesus... mas dir-se-hia, em verdade, que é o seu Joãozinho! Vejamos... E' uma allucinação; é o vapor do vinho que ainda lhe ferve no fundo do cérebro! Não é possível!... E, comtudo, quanto mais elle contempla o Menino do presépio, mais se convence do extraordinário milagre! E verdadeiramente elle não é lôgro dum sonho... os olhos de esmalte parecem fitá-lo... e a carne de cera parece palpitante de vida. Pedro Bertrand aproxima-se mais... Uma angústia o aperta... O seu coração derrete-se... As pernas ne-

gam-se a levá-lo... Ei-lo que cai de joelhos deante do presépio... E os lábios entreabertos do Menino deixam sair estas palavras, de voz celeste e que só Pedro pôde ouvir: «Sim, meu pae, sou eu, sou; sou eu o vosso pequeno João. Vou dizer-vos uma coisa maravilhosa, que ninguem neste mundo sabe: é que, durante a Missa da meia noite, o Menino Jesus envia, para o representarem nos presépios, os anjos que acaba de arrebatá-los à terra. A mim ordenou-me que me detivesse aqui, nesta igreja, aonde, pela sua divina bondade, encaminhava os vossos passos. E da sua parte eu vos digo, pae, que é preciso crer e orar; porque só assim é que um dia podereis ajuntar-vos no ceu com a mãezinha e commigo, que somos muito felizes lá em cima e velamos por vós.»

No dia seguinte Pedro Bertrand foi plantar com suas próprias mãos uma pequena cruz no túmulo do seu Joãozinho.

Trad. de Francisco Veuillot por

F.

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

—Sermões do Padre António Vieira, edição da Livraria Chardron, de Lello e Irmão (Carmelitas, 144—Porto). Este volume, que é o 5.º, encerra os seguintes discursos: Um sermão do Mandato, outro das Dores da Sacratissima Virgem Maria, uma Prática Espiritual da Crucifixão do Senhor, um sermão do Bom Ladrão, outro da Madrugada da Resurreição, outro da Resurreição de Christo Senhor Nosso, outro da Resurreição de Christo, dois da Primeira Oitava da Páschoa, um da Segunda Oitava da Páschoa, outro da Quarta Domingo da Páschoa, outro da Ascensão de Christo Senhor Nosso, uma Exhortação em Vespera do Espírito Santo, um sermão do Espírito Santo e outro do Santissimo Sacramento. A respeito do mérito desta edição, nada temos que tirar ao que aqui temos dito por occasião da publicação dos volumes anteriores. O preço é de 500 reis por cada volume brochado, e 700 reis encadernado, para quem adquirir a obra por assignatura. Não deixaremos de novamente recommendar aos nossos leitores a aquisição da primorosa obra.

—Agenda Ecclesiastica para 1908, pelos revs. P.ºs João Roberto Pereira Maciel e José Ribeiro Braga. Contém, afóra as indicações usuaes neste género de publicações, o officio de defuntos e várias fórmulas liturgicas. Custa 330 reis. Nesta cidade vende-se no estabelecimento do sr. Manuel Joaquim de Oliveira Bastos, na rua de Paio Galvão.

—Os Lusitadas, obra prefaciada, parafraseada e anotada e com um vocabulário, por José Agostinho. Foi distribuido o tomo 5.º, que contém o canto V. Sobre esta publicação, chamamos a attenção dos nossos leitores para o que aqui publicamos no n.º 206, de 20 de novembro de 1907.

Grande Cathecismo Catholico.—Acabamos de receber a 1.ª caderneta desta obra monumental, cuja 2.ª edição a Empresa Editora da Revista Catholica vai lançar no mercado.

A acceitação extraordinaria que ella tem tido em todas as nações, de maneira a esgotarem-se rapidamente as repetidas edições que della se têm feito, dá-nos a esperanza de que esta 2.ª edição portuguesa, como a 1.ª, terá o mais benevolto acolhimento.

Não é um facto vulgar em Portugal esgotar-se uma obra dalguns grossos volumes, tendo-se feito della uma tiragem de alguns milhares.

Só as qualidades e importancia extraordinaria da obra poderam ser causa da excepção; e porisso é que cada vez nos convencemos mais do grande serviço que a Empresa editora

da Revista Catholica vai fazer aos rev.ºs parochos, ao clero e seminaristas, assim como aos professores de instrucção primaria, e directores de collegios a quem em especial se recommenda o Grande Cathecismo Catholico do Padre Deharbe.

A 1.ª caderneta, alem das approvações ecclesiasticas da 1.ª e 2.ª edição portuguesa e dos prologos respectivos, contém como introdução um capitulo sobre *O fim ultimo do homem*, depois do qual começa a primeira parte da obra. Nella trata o douto auctor *Da Fé*, determinando a sua natureza, o seu objecto, e fontes.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á Administracção da Revista Catholica, Vizeu, onde se tomam assignaturas a cadernetas e a volumes.

Notiçario

Brinde.—A todos os snrs. assignantes que durante o corrente mês de janeiro pagarem a sua assignatura relativa ao anno de 1908, offerece a Empresa de *A Restauração*, como brinde, um exemplar de qualquer das seguintes obras, á sua escolha:

Os Benefícios da Confissão, por F. J. d'Ezerville, accomodação portuguesa do P.º José Lopes Leite de Faria. Um elegante volume de 60 paginas, em 8.º, cartonado.

As Bem-aventuranças Evangelicas postas ao alcance de todos pelo P.º Deville, Doutor em Theologia, traduzidas pelo Padre José Lopes Leite de Faria. Um elegante volume de 64 paginas, em 8.º, cartonado.

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli, accomodação portuguesa do P.º José Lopes Leite de Faria. Um elegante volume de 110 paginas, em 8.º, em brochura.

Sessão solemne.—Com grande assistencia de convidados, realizou-se no dia 1.º do corrente, pelo meio dia, a sessão solemne para a distribuição de condecorações com que foram ultimamente agraciados os dignos commandantes e diversos membros do corpo activo dos Bombeiros Voluntarios desta cidade.

Presidiu ao acto o sr. presidente da camara rev. João Gomes de Oliveira Guimarães, secretariado pelos snrs. João Gualdino Pereira, vereador do pelouro dos incendios, e Padre Abilio Augusto de Passos, presidente da direcção, que, em uma brilhante allocução inalteceu os serviços prestados pela briosa corporação, e, especialmente, pelos agraciados.

A esta allocução respondeu o sr. presidente da camara, num brilhante improviso, pondo em relevo as qualidades dos agraciados e os valiosos serviços que a corporação tem prestado aos vimaranenses.

Fallou ainda, no mesmo sentido o sr. dr. João Rocha.

Todos os oradores foram muito applaudidos.

As condecorações foram collocadas ao peito dos agraciados pelo sr. administrador do concelho, como representante do sr. ministro do reino.

Foram condecorados os seguintes snrs.:

Simão da Costa Guimarães, 1.º commandante dos Bombeiros Voluntarios, com o officialato da mui antiga e nobre ordem da Torre-Espada, valor, lealdade e merito; Joaquim Penafort Lisboa, 2.º commandante, com o grau de cavalleiro da mesma ordem.

Medalhas de prata, aos snrs. Eduardo da Silva Guimarães, patrão da 1.ª esquadra; Avelino da Silva Guimarães, patrão da 2.ª esquadra; Augusto Marques Pereira, aspirante da 2.ª esquadra; Francisco Paredes, agulheta; Francisco Teixeira Mendes, idem; Francisco Ferreira de Andrade, idem; Miguel José Peixoto, bombeiro da 1.ª esquadra, e Francisco da Silva Guimarães, idem.

A Restauração

Commissões parochias.—Ficaram constituídas pelos cavalheiros abaixo mencionados as commissões parochias que entraram em exercicio no dia 1.º de corrente:

Nossa Senhora da Oliveira e Castello.—Effectivos: Agostinho das Neves Guimarães, Candido José de Carvalho, José Joaquim de Sousa Felix e Antonio Fernandes da Silva Braga.

Substitutos: Antonio José Peixoto da Costa, Domingos da Silva Branco, Joaquim Lopes de Carvalho e Justino José da Silva.

S. Paio.—Effectivos: Joaquim Pereira Mendes, José Lopes da Cunha, Francisco Joaquim de Freitas e Simão de Sousa Peixoto Guimarães.

Substitutos: Jeronymo Antonio Felix, Antonio Alves Martins Pereira, Domingos Martins Guimarães e Manuel de Abreu Lima.

S. Sebastião.—Effectivos: Antonio de Sousa Pinto, Avelino da Silva Guimarães, José Caetano Pereira e José de Sousa Passos.

Substitutos: Antonio José de Oliveira, Antonio Virgem dos Santos, Francisco Vieira Pereira de Carvalho e Roberto Victor Germano.

Sarau musical.—Realiza-se no dia 12 deste mês no salão nobre da Sociedade Martins Sarmiento um sarau musical promovido pela nova commissão de melhoramentos da Penha em beneficio das obras a realizar naquella formosa estancia.

Tomam parte neste sarau por especial obsequio as ex.^{mas} snrs.^{as} D. Laura Mattos Chaves Gonsalves, D. Luisa Cardoso Martins de Menezes (Margaride), D. Maria Constança Napolis, o grupo musical Araujo Motta e os snrs. João Amaral, Jeronymo Sampaio e Fernando Chaves.

Os bilhetes já se encontram á venda no estabelecimento do snr. João Gualdino Pereira.

Commissão Municipal.—Tomou posse na passada quinta-feira a commissão municipal nomiaada pelo snr. governador civil para gerir os negocios do municipio, conforme o decreto com força de lei de 12 de dezembro ultimo, a qual lhe foi dada pelo snr. administrador do concelho, de harmonia com o decreto de 26 do mesmo mês.

Foi eleito presidente o rev. João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, e vice-presidente o snr. João Gualdino Pereira.

Os pelouros foram distribuidos da seguinte forma:

Insecretaria e fazenda, presidente; Insecretaria e expostos, Conde Alberto da Silva Vasconcellos; pelouro de Vizella, dr. Armino de Freitas e Francisco Salgado; pelouro das Tappas, Fernando Amaral; cemiterio e iluminação, Manuel Joaquim da Cunha; praças, mercados e policia urbana, Joaquim Pereira Mendes; matadouro, limpeza publica, jardins e arvoredos, Alvaro Costa; aguas, incendios, viação e obras, João Gualdino.

As sessões realizam-se todas as quartas-feiras ao meio dia.

Junta de Repartidores.—A Junta de Repartidores que tem de funcionar no presente anno foi constituída pelos seguintes snrs.: Presidente, Eduardo Manuel de Almeida.

Vice-presidente, Domingos Antonio de Freitas.

Vogaes effectivos, Simão da Costa Guimarães, Francisco Jacome e Antonio de Oliveira Martins.

Supplentes, Antonio Lopes Martins, João Fernandes de Mello e Joaquim Pereira Mendes.

Carta de encomendação.—Na Camara Ecclesiastica desta Archidiocese foi passada carta de encomendação por um anno, a favor do Rev. Elias Gomes, para a igreja parochial de Santa Leocadia de Briteiros, deste concelho.

Jurados criminaes.—Durante o corrente anno funcionarão no tribunal judicial desta comarca os seguintes jurados criminaes:

1.º Semestre.—Manuel Martins Coelho de Lima, Manuel Vieira de Castro Brandão, Antonio da Cunha Mendes, Antonio Antunes de Castro, José Henrique Dias, José Joaquim Gomes da Silva, Manoel Pereira Marques, José Dias Salgado, Joaquim Simões Sampaio, Antonio Coelho Pereira Ferraz de Araujo Castellões, Joaquim Sampaio Guimarães, João Martins de Sousa, Americo Joaquim Rebello, Manuel Fernandes Guimarães, João Ribeiro Cardoso, José de Freitas Oliveira, Custodio José Gomes, Augusto José Leite Guimarães, Francisco José Montes, Antonio Manuel Lopes Pereira Galdas, Antonio José Coutinho de Affonseca, Manuel Gomes de Faria, Antonio Nogueira da Silva, Manuel Fernandes da Cunha, Antonio Ribeiro Varandas, Antonio da Silva, Gaspar Antonio Pereira Guimarães, Jacintho Mendes Leite de Faria, Justino José da Silva, José Dias da Silva, Torquato Ribeiro de Faria, Domingos Leite de Castro, João Corrêa de Abreu, Bernardino Rebello Cardoso de Menezes, José da Silva Guimarães Rosas e João Campos da Silva Pereira.

2.º Semestre.—Luis Gonçalves de Araujo, Alberto Ribeiro de Faria, José de Freitas Ribeiro de Faria, Joaquim Martins de Oliveira Costa, Manoel José Rodrigues, João José Gomes, Ernesto Pinto da Cunha Abreu, Juneval Duarte de Macedo, Antonio José de Oliveira, Joaquim Cardoso Guimarães, José Martins Fernandes, Manuel Joaquim Antunes, Antonio Coelho da Motta Prego, João Ribeiro de Faria, Domingos da Cunha Ribeiro Guimarães, Antonio Rodrigues Salazar, Jeronymo Antonio Felix, José Joaquim Fernandes, Antonio José Lopes Corrêa, Arthur Jorge Guimarães, Rodrigo Pereira Lobato de Azevedo, Placido Pinto Teixeira da Costa, Braz Dias Carreira, Victorino Simões Lopes Sampaio, Antonio de Macedo, José Antonio da Silva Gonçalves, Bento dos Santos Costa, Manuel Joaquim da Costa Coutinho, Francisco José Fernandes, José Ferreira, Antonio José Pinheiro, Luis Soares Leite, Antonio Leite Machado, Antonio Pinto Teixeira da Costa, Francisco José Leite Guimarães e Antonio Alves Teixeira.

Asylo de Santa Estephania.—Durante os meses de novembro e dezembro ultimo, foram entregues á superiora deste asylo as seguintes esmolas:

D. Francisca Braamcamp de Mello Breyner Cardoso de Menezes, para um magusto, um garrafão de vinho, 2 alqueires de castanha e 6 kilos de pão trigo; Uma anonyma, uma raza de feijão; D. Rosa de Jesus de Almeida, uma arropa de batatas; Um anonymo, 8 duzias de toalhas para rosto; Francisco Martins Fernandes, 50000 reis para suffragar a alma do snr. José M. Fernandes Guimarães e 500 reis para mandar dizer uma missa pela sua alma; Conde de Agrolongo, por intermedio do snr. Antonio de Freitas Ribeiro, 100000 reis; Rodrigo Venancio da Rocha Vianna, 50000 reis; Um anonymo, 20500 reis; Luis Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride) 50000 reis para ajuda do jantar das creanças; Baroneza de Pombeiro, 100000 reis para o jantar das creanças no dia 6 de dezembro suffragando a alma do seu saudoso filho; Anonymo, 15 kilos de bacalhau; D. Amelia Augusta Pereira Martins, 100000 reis para ajuda do jantar de festa das asyloas; Baroneza de Pombeiro, 50000 reis para ajuda do jantar das creanças no dia de Natal; José da Costa Carneiro, 3 e meio kilos de pão para as creanças; Domingos José de Sousa Junior, para a consoada, um açafate de maçãs, uma caixa de figos e uma de uvas passas; Anonymo, 12 kilos de fructas seccas, 4 caixas de figos e uma de uvas passas; Anonymo, 500 reis; Anonymo, 10000 reis; Anonyma, um queijo flamengo, 6 frangos, uma caixa de uvas passas, uma ceira de figos e 6 kilos de bacalhau para a consoada.

Junta de Matrizes.—E' composta dos seguintes snrs. a Junta de Matrizes que tem de servir no corrente anno:

Presidente, Dr. Arthur da Costa Sousa Pinto Bastos.

Vogaes effectivos, José de Sousa Guimarães, Francisco Joaquim da Costa Magalhães e Francisco Martins Fernandes.

Supplentes, Antonio José Antunes Machado, Arthur Baptista Sampaio e João Antonio.

A Restauração.—A todos os cavalheiros a quem pela primeira vez enviamos o presente numero do nosso semanario rogamos a fineza da sua assignatura, com o que muito nos penhoram. Mas no caso de não desejarem auxiliar-nos, muito nos obsequiam devolvê-lo com a possivel brevidade, para evitarem nova remessa.

Aos snrs. assignantes que ainda se acham em debito do anno findo rogamos a fineza de mandarem satisfazer o mais breve possivel, para podermos regularizar a nossa escripturação.

Regulamento de salubridade das edificações urbanas no concelho de Guimarães.—Condições hygienicas a adoptar na construção dos predios:

(Continuação)

Art. 18.º Os alojamentos cujo pavimento ficar inferior ao nivel da rua ou do terreno a que encostam, sendo construidos com destino a serem habitados satisfirão ás seguintes condições:

1.º Terem a altura minima de 3 metros entre o pavimento e o tecto, tendo este, pelo menos, 2 metros acima do nivel da rua ou do terreno, mas quando uma das faces for completamente desaffrontada e erguida acima do solo, o pavimento da parte soterrada pode ser 2 metros abaixo do nivel do solo;

2.º Que as paredes e o pavimento estejam devidamente garantidos contra as infiltrações da agua superficial e contra a humidade tellurica;

3.º Não passar por baixo do pavimento qualquer cano destinado a despejos sem que esteja sufficientemente enterrado e construido com a maior perfeição, nem ficar o seu pavimento inferior ao nivel da soleira do cano de esgoto mais proximo;

4.º Estarem garantidos contra todas as emanações nocivas;

5.º Terem latrinas e convenientes installações para o escoamento dos liquidos impuros;

6.º Serem illuminados por uma ou mais janellas para receberem luz e ar exterior.

Art. 19.º Os pateos collocados entre os predios que tenham altura inferior a 18 metros devem ter, pelo menos, 30 metros quadrados de superficie com a largura minima de 5 metros, para darem facil circulação ao ar e abundante luz.

Se a altura dos predios exceder 18 metros, deverão os pateos ter, pelo menos, 40 metros quadrados de superficie, com a largura minima de 5 metros.

Art. 20.º Nos saguões ou pateos interiores devem ser observadas as seguintes regras:

1.º Se sam destinados a illuminar e arejar cozinhas, terão, pelo menos, 9 metros quadrados;

2.º Sendo destinados a illuminar vestibulos, ante-camaras ou escadas terão, pelo menos, 4 metros quadrados;

3.º Quando forem rebucados com argamassa serão caiados de dois em dois annos com cal recentemente preparada, mas convem que sejam revestidos com uma camada impermeavel que permita a lavagem;

4.º Não será permitido cobri-los na altura do primeiro andar para aproveitamento de uma nova casa ou passagem coberta no rés-do-chão, a fim de evitar o deposito de poeira e detritos fermenticiveis;

5.º O pavimento deve ser ligeado e com inclinação para o centro, ou para os lados, devendo haver na parte mais baixa uma abertura em comunicação com o cano de esgoto, na qual será collocado o respectivo sifão.

Depositos de agua

Art. 21.º Os depositos de agua potavel em caso nenhum devem estar em comunicação directa com latrinas, ou tubos de queda, nem mesmo o orificio de vasão superior (*trop-plein*), quando o tenha, devendo ter um orificio no fundo para se poder lavar e fazer a limpeza.

Art. 22.º Os depositos de agua potavel serão sempre collocados em sitios onde não possam ser invadidos pelo ar viciado, e, por isso, distantes das aberturas dos tubos de ventilação, de despejos, etc.

Art. 23.º Os mesmos depositos bem como as extremidades livres da canalização que a elles conduzem não devem ser feitos de chumbo, nem de outro material que possa prejudicar a saúde ou dar mau gosto á agua.

Art. 24.º Havendo agua encanada, nunca o encanamento deve ter ligação directa com

as latrinas ou qualquer deposito insalubre, sómente interquippada pelas torneiras, mas será sempre collocado entre estas e as latrinas um deposito de agua isolador.

Tubos de queda

Art. 25.º Todos os predios terão os necessarios tubos de queda para dar escoante ás aguas das chuyas e ás aguas caseiras, materias feccas e aguas sujas de qualquer especie.

§ unico. Os tubos de queda das aguas pluvias serão sempre separados dos que servem a receber os despejos e aguas servidas.

Art. 26.º Os tubos de queda de despejos caseiros serão de preferencia de grés ceramico vidrado por dentro e por fóra, de sufficiente espessura e diametro correspondente ás descargas previstas; podendo tambem ser de ferro fundido; e sendo admissiveis os de chumbo ou de outro material impermeavel especialmente quando se destinarem a dar escoante ás aguas pluvias e aos urinoes.

§ unico. Sam expressamente prohibidos os tubos de olaria ou manilhas de barro commum.

Art. 27.º Os tubos de queda devem ser quanto possivel collocados na parte exterior das paredes, para serem visiveis e haver facilidade nas reparações.

§ 1.º Admitte-se para os tubos de grés o diametro entre 80 a 110 millimetros, e para os de ferro fundido ou de chumbo o de 75 millimetros, não sendo conveniente grandes secções para mais facilidade da lavagem.

§ 2.º Os tubos de chumbo destinados só a esgoto de liquidos podem ter 50 millimetros de diametro.

Art. 28.º Os tubos de queda, quer sejam collocados exteriormente quer mettidos na parede, devem ser de perfeita execução, tanto pelas garantias que offerecer o material empregado, como pelo trabalho de collocação, escolhendo-se tubos da melhor qualidade na especie preferida, bem calibrados, adaptando-se perfectamente uns aos outros e sem fendas nem falhas.

Art. 29.º As ligações devem ser feitas com todo o esmero, empregando-se o cimento hydraulico para os de grés, a estopa alcatroada e a chumbagem para os de ferro fundido e a soldadura para os de chumbo, devendo a canalização formar uma só peça em todo o comprimento perfectamente impermeavel e sem a minima solução de continuidade.

Art. 30.º Os tubos de queda devem ser tanto quanto possivel em linha recta, tanto em perfil como em planta, convindo que a parte elevada acima do solo seja perpendicular, e sendo indispensavel que a parte que haja de atravessar por baixo dos predios seja absolutamenie rectilinea. As ligações com os canos de esgoto devem ser feitas em angulos obtusos não inferiores a 135º no sentido da vasão e os entroncamentos serão sempre concordados por curvas do maior raio possivel.

Art. 31.º Quando parte do encanamento assentar no terreno, deve este ser perfectamente solido ou consolidado, e os canos devem ter inclinação proporcional ás exigencias da vasão e ás condições locais, tendendo como sufficiente para os diametros indicados o pendor de 30 millimetros por metro corrente, que poderá baixar até 20, se as circunstancias do local assim o reclamarem, sendo neste caso necessario auxiliar a acção da gravidade por correntes de varrer.

§ unico. Os canos que exclusivamente se destinarem a dar esgoto a liquidos podem ter a inclinação minima de 15 millimetros.

Art. 32.º Deve evitar-se o seu prolongamento por baixo dos predios, mas quando isto for indispensavel serão sempre assentes em terreno solido ou bem consolidado com uma camada de beton que os envolva, e munidos, quando for possivel, com oculos de inspecção. Estes canos serão sempre enterrados á profundidade minima de 0,25.

Art. 33.º Os tubos de queda devem sempre elevar-se com o mesmo diametro 1 metro, pelo menos, acima do espigão do telhado, e nunca terminando a menos de 6 metros de distancia de qualquer janella ou chaminé, devem ter os seus dois extremos em comunicação com o ar exterior, para serem bem ventilados, e a parte superior deve ser ventillada com um aparelho de ventillação apropriado.

Art. 34.º Os tubos de queda, sempre que for necessario, deverão desaguar num pequeno poço de inspecção, aberto ao ar exterior, ao qual estará ligado um sifão, por onde os liquidos entrem no cano de esgoto, a fim de evitar que os gazes penetrem nas casas, e ainda quando não haja poço, deve haver o sifão interruptor ou um aparelho hydraulico tam proximo quanto possivel da ligação do cano com o esgoto.

Art. 35.º As aguas pluvias, quando os tubos de queda que as conduzem desembocarem directamente em ruas que tenham passeios, passarão através destes em caleiras cobertas de metal.

(Continua)

Communição

BELLEZAS DA ADMINISTRAÇÃO DE GUIMARÃES

Tendo o signatario comparcido na Administração deste concelho de Guimarães no dia

16 de dezembro do anno transacto, a prestar contas dum legado pio, por já terem passado os tres annos, no fim dos quaes haviam de ser prestadas, não lhas quiseram tomar, allegando que ainda não tinha findado o anno. Entende o signatario que esta allegação não tem fundamento e foi feita unicamente para o vexar, pois que effectivamente já tinham passado, e tem em sua mão quaesquas com datas anteriores.

Já sam antigos, nesta Administração, os abusos relativos a tomada de contas de legados pios, e vê-se que ainda não acabaram, apesar de se dizer por ahí que estamos numa situação politica de virtude triumphante.

Bom era que o Governo, por si, ou por seus delegados mais immediatos, fizesse sentir ao Snr. Administrador deste concelho que é tempo de acabar com esses abusos e instaurar o imperio da moralidade.

O signatario abstem-se de, por emquanto, fazer mais considerações, porque espera que estas serão sufficientes para convencer a Administração deste concelho de que a lei é igual para todos e que a politiquice é uma indignidade.

Pela publicação destas linhas fica muito grato o assignante. 1.º de janeiro de 1908.

P. Manuel José da Motta.

Os nossos Pobres.

Recommendamos á caridade dos nossos presados leitores os infelizes abaixo mencionados que, a braços com terriveis enfermidades e consequentemente com a miseria, soffrem os horrores da fome se as almas bem formadas se não lembrarem de os socorrer.

Sam elles:

Manuel Francisco de Abreu (Cancellia), marceneiro, casado, com um filho, para quem não pode angariar o necessario sustento devido á sua doença, pois que se acha tuberculoso.

Mora na rua da Ramada, ao Campo da Feira.

Maria de Jesus Cabreira, viuva, que ha tempos deita sangue pela bocca, e se acha sem meios para seu sustento e de um filho que tem.

Mora na rua de Santa Luzia, 130 (á ponte).

Anna da Silva, que vive miseravelmente, sem recursos de especie alguma, na rua das Lameiras, á Cruz de Pedra. E' caseira do Lavrador.

Maria José Pinto, solteira, tuberculosa, e impossibilitada de trabalhar.

Mora na rua de Santa Luzia (á ponte).

Francisco Vicente Salgado, ex-distribuidor de telegrammas, no ultimo grau de tuberculoso, sem meios para seu sustento, de sua mulher e de seus 4 filhos.

Mora na rua de Traz Gaya, 27.

Nesta redacção recebe-se qualquer esmola que seja destinada aos pobres que recommendamos.

Annúncios

A SAUDE

Revista mensal dirigida pelo habil clinico Dr. Bentes Castel-Branco

Pelo modo pratico como ensina a conservar e robustecer as forcas physicas torna-se de grande utilidade em todas as familias.

Para tomar assignatura por um anno basta enviar 750 reis á sua administração

Rua da Padaria, 48, 1.º

LISBOA

A Restauração

Pede-se a visita do publico ás nossas succursaes para examinar os bordados em todos os estylos: matiz, renda, abertos, mexicanos e romanos, bordados venezianos, etc., executados com a machina

Domestica Bobine Central

a mesma que serve para toda a classe de

Trabalhos domesticos

Machinas para todas as industrias em que se empregue a costura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Novos catalogos com grande redução de preços

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Peça-se o catalogo illustrado que se dá gratis

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal

ADCOK & C.^ª

SUCCURSAES

Braga—69, L. do Barão de S. Martinho, 71.

Guimarães—Avenida do Commercio.

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesé—Rua de Payo Galvão—Guimarães

Os beneficios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodation portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um volume de 60 páginas, em 8.^o:

Em brochura 50 reis
Cartonado 100 »

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de

Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas, em 8.^o
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 »

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodation portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um volume de 112 páginas, em 8.^o:

Em brochura 100 reis
Cartonado 160 »

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

A Biblia—Questão Vital, pelo Padre Bento José Rodrigues, com approvação da auctoridade ecclesiastica.

Um volume de 48 páginas, em 8.^o:

Preço 50 reis
Pelo correio 60 »

Officio da Immaculada Conceição, texto portugues, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:

Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 »

A Cruz Alliviada ou molinos de consolação nos trabalhos, do P. Piamonti, S. J., versão portuguesa por um professor da Escola Apostolica da SS. Trindade, com licença da auctoridade ecclesiastica.

Um volume de 112 páginas, em 16.^o grande:

Em brochura 120 reis
Pelo correio 130 »

A laranja em Portugal—Seleção, enxertia, cultura, etc., por M. N. Martins, professor de sciencias naturaes.

Um folheto:

Preço 50 reis
Pelo correio 60 »

Um passeio a Vizella e Guimarães, por José Victorino Pinto de Carvalho.

Um volume de 134 páginas:

Preço 50 reis
Pelo correio 60 »

Educação—Compendio de civilidade para meninas, coordenado pelo Rev. Padre A. de Menezes, contendo o seguinte

SUMMARY: I—O que é educação. II—O que exige a educação. III—Formação intellectual. IV—Formação do coração. V—Formação da consciencia. VI—Formação do caracter. VII—Deveres para com Deus. VIII—Deveres para consigo proprio. IX—Deveres para com o proximo. X—Civilidade: Tratamentos.—Cartas.—Conversação.—Visitas.—Baptizados.—Jantares.—Honras funebres.—Reuniões.—Recreações.—Encontros.

Um volume de 80 pag. elegan-

temente cartonado, titulos dourados, cantos redondos, folhas vermelhas.

Preço 100 reis
Pelo correio 110 »

Um chefe de estado, por D. Gabriel Garcia Moreno, presidente da Republica do Equador. Versão portuguesa por A. de Faria Barros.

Elegante brochura ornada com o retrato do heroe.

Preço 100 reis
Pelo correio 110 »

Nem de mais nem de menos, romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 páginas, em 8.^o:

Preço 50 reis
Pelo correio 60 »

Vida breve e popular de D. João Bosco, por P. J. B. Francesia.

Um volume de 412 páginas, em bom papel e nitida impressão:

Preço 400 reis
Pelo correio 450 »

Izabel, por Dorothea de Boden, Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.^o:

Preço 50 reis
Pelo correio 60 »

A Dictadura, por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:

Preço 250 reis
Pelo correio 270 »

O almocreve das petas, por Spiritus Asper.

1.^o volume, com 128 páginas, em 8.^o:

Preço 80 reis
Pelo correio 100 »

Todas as requisições devem ser acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serão attendidas.

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Sellos para colleções.—Nacionaes e estrangeiros, em cartas com 25 sellos, desde 20 reis, e em pastas, avulso, de diversos preços, a começar em 5 reis cada um. Ha grande variedade.

Estampas religiosas.—Coloridas, lembranças de 1.^a communhão, para meninas e meninos, registos com diversas imagens, tudo a preços modicos.

Sendo as encomendas avultadas fazem-se descontos vantajosos.

Bilhetes postaes illustrados.—Coloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

ESTABELECIMENTO

—DE—
Antonio de S. Boaventura Mendes Guimarães

63, 65—Rua de Gil Vicente—67, 69

GUIMARAES

Neste estabelecimento, além de muitos outros artigos, encontram-se á venda bancas de lousa de diversos tamanhos; redomas de vidro, imagens e artigos religiosos; grande variedade de papeis pintados em bonitos gostos, para forrar salas, bem como guarnições combinadas para os mesmos, de que acaba de receber grande sortido. Os preços são os mais limitados possivel.

Obras primas
de litteratura portuguesa

Nova edição completa dos

Sermões

DO

Padre Antonio Vieira

Edição popular, em 15 volumes, cuidadosamente revista, compreendendo toda a obra oratoria do genial pregador.

Publicação por assignatura a volumes—Edição impressa nitidamente e em bom papel.

Por assignatura, a 500 réis cada volume brochado e 700 réis encadernado.

Depois de completa será augmentado o preço da obra, não se vendendo volumes avulsos.

Sairá um volume mensalmente e já está publicado o quinto.

Recebem-se assignaturas em casa dos editores.

Livraria Chardron, de Lello & Irmão

Rua das Carmelitas, 144

PORTO

P.^o G. Bouffler

DA COMPANHIA DE JESUS

Amor e Reparação

A primeira sexta-feira do mês

EXERCICIOS

EM HONRA DO S. C. DE JESUS

Versão do francês pelo Padre Anselmo Gonsalves.

Um elegante volume, em 8.^o inglês, de X—520 páginas, optima impressão e bom papel

Preço 500 reis
Pelo correio 530 »

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos ao traductor e editor, Padre Anselmo Gonsalves—Arcos de Valdevez.

GRANDE

Cathecismo Catholico

Sua explicação clara e fundamental

COM EXEMPLOS ESCOLHIDOS E ADAPTADOS A CADA MATERIA

Obra muito util para os reverendos parochos, para o clero e seminaristas, assim como para os professores de instrucção primaria, directores de collegios, e em geral para todos os catholicos e familias christãs que desejam ter conhecimento claro das grandes verdades da Religião

PELO

PADRE JOSÉ DEHARBE

DA COMPANHIA DE JESUS

TRADUZIDO EM VERNACULO

PELO PRESBYTERO

Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto, com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Examinador Pro-synodal, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe «Pro Ecclesia et Pontifice» e redactor da «REVISTA CATHOLICA».

E' verdadeiramente monumental a obra que vamos reeditar — o famoso Cathecismo do celebre e doutissimo Jesuita Allemão, o rev. Deharbe.

Esgotada a primeira edição, e continuando a receber frequentes e instantes pedidos tanto de Portugal como do Brazil e das Indias, e reconhecendo por outro lado os fructos incalculaveis que ham de resultar da divulgação desta obra que é um riquissimo thesouro de sciencia theologica popular ao alcance de todas as intelligencias, não hesitamos um momento em fazer uma nova edição que esperamos em Deus terá o mesmo exito da primeira, que dentro de pouco tempo se esgotou.

O Cathecismo de Deharbe é, pelo seu methodo maravilhoso, pela clareza na exposição da sua doutrina, pela vastidão dos conhecimentos theologicos do seu auctor, uma obra indispensavel a todos os reverendos sacerdotes, parochos, pregadores, catechistas, aos directores e directoras de collegios, e aos chefes de familia, para lhes servir de guia na explicação da doutrina catholica, quer no ensino da catechese tanto dos pequenos, como especialmente de adultos, quer para as homilias ao povo, para sermões e conferencias.

Crêmos que neste genero não ha obra mais completa e mais bem acabada.

A' explicação desenvolvidissima de todas as verdades christãs e genuinamente catholicas, acrescenta exemplos numerosos que compendiam e tornam claras e palpaveis as verdades mais augustas e sublimes da religião, sendo alem disso aquelles exemplos um estimulo, para a prática de todas as virtudes que enaltecem e santificam o christão.

E' tal o merecimento desta obra monumental que tem sido vertida para as principaes linguas da Europa.

Consta de quatro grossos volumes, impressão nitida e em magnifico papel, e a sua distribuição será feita aos fasciculos de 80 paginas pelo preço de 160 reis.

A primeira caderneta vai ser brevemente distribuida aos numerosos assignantes, continuando aberta a assignatura ás cadernetas e aos volumes. Todos os pedidos devem ser diridos á

Empresa da Revista Catholica (Vizeu).

Agencia Nacional Simões de Lima

REGISTADA—FUNDADA EM 1889

Rua de S. Julião, 142—1.^o

LISBOA

Continua a incumbir-se de negocios dependentes das secretarias de Estado, etc., taes como: encartes, apostillas, quitações, diplomas de titulares, cauções para recebedores, arrecadações de espolios, cumprimento de deprecadas, legalisação de documentos no ministerio dos estrangeiros, marinha e consulados, averbamento de inscripções, etc., publicação de annuncios judiciais no *Diario do Governo*, obtenção de documentos, encomendas, compra ou venda em particular de propriedades, seguros, etc.

Boas referencias, promptidão e preços modicos.